

“O TRABALHO DIGNIFICA O HOMEM”: A ÉTICA PROTESTANTE NA FALA DO TRABALHADOR¹

PRADO, Andréa Leite¹; NARDO, Cláudia Christina Sanchez¹; BRIDA, Gláucia V. Pinheiro²

¹Discente da Universidade Estadual de Maringá

²Orientadora deste artigo e membro docente do Departamento de Psicologia DPI/UEM a Universidade Estadual de Maringá;

Resumo: Tal artigo versa sobre a análise de entrevistas realizadas com trabalhadores de diferentes ocupações profissionais, classes sociais, escolaridade e idade com o objetivo de identificar a ideologia dominante ligada à idéia do trabalho. Uma vez que predominam na fala de todos os entrevistados as características ideológicas da ética protestante, que segundo WEBER (1981) é um dos principais componentes ideológicos do sistema capitalista ocidental na era industrial, procuramos delinear nesse artigo o contexto histórico em que tal ideologia se construiu e como ela se relaciona com o contexto atual em que se reproduz.

Palavras-chave: trabalho, ética protestante, ideologia do capitalismo.

Introdução

Este artigo parte de um trabalho desenvolvido na disciplina Organização Social do Trabalho do Curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, o qual consistiu na realização de entrevistas com pessoas de diferentes ocupações profissionais, classes sociais, faixas etárias, escolaridade e idade, com o objetivo de identificar em cada fala o pensamento ideológico referente ao trabalho.

NETTO et al. (1986), definem o trabalho como “[...]o esforço destinado a elevar a vida humana, aproveitando o meio ambiente não-humano”. Afirma, de maneira geral, que o homem se coloca acima do reino animal devido à sua capacidade criadora e produtiva, de forma que se molda e se modifica à medida que modifica a natureza exterior a ele. Esse processo criativo e transformador que configura o trabalho humano é o que diferencia o homem dos animais.

Na análise das entrevistas ficou evidente a representação ideológica construída a partir da ética protestante na fala dos entrevistados quando os mesmos tentavam definir o que é o

¹Área temática da extensão: Trabalho
Área de conhecimento do CNPq: Ciências Humanas

trabalho para eles. A expressão “ética protestante” recebeu seu atual significado de Max Weber. Suas preocupações eram com as condições sob as quais o capitalismo tinha se desenvolvido na Europa. Weber fez a conexão entre esse desenvolvimento e as características psicológicas da personalidade protestante, principalmente o desdobramento calvinista do movimento iniciado por Martinho Lutero, que dotou a virtude de vocação religiosa ao trabalho secular, ou seja, o trabalho como a virtude do homem (NETTO et al., 1986).

A ética protestante relacionou-se, dentro de um contexto histórico, ao pensamento liberal, o qual despontou quando “a influência do pensamento utilitarista valorizou o conceito de indivíduo, no sentido de que ele, isoladamente considerado, podia ser o único centro de experiência comprovando-se a utilidade e a felicidade exclusivamente à luz de seus desejos e necessidades” (NETTO et al., 1986). Ao longo dos acontecimentos históricos e sociais que se desdobraram ao longo dos últimos séculos até a era do capitalismo industrial e aos tempos atuais na sociedade capitalista ocidental, essas ideologias acabaram sendo relacionadas entre si em suas reproduções sociais e culturais.

Entendemos, portanto, que se faz importante examinar as falas dos trabalhadores inserindo-as num contexto histórico-social, o que possibilitará um melhor entendimento dos mecanismos subjacentes à ideologia dominante relacionada ao trabalho em nossa sociedade atual.

Material e Métodos

As entrevistas de caráter semi-dirigido foram realizadas com sete pessoas de diferentes ocupações profissionais, classes sociais, escolaridade e idade, moradores das cidades de Maringá-PR, Assis Chateaubriand-PR, Tapira-PR e São José do Rio Preto-SP. Os entrevistados foram: um adolescente que estuda e nunca trabalhou; um operário; um professor universitário; um técnico; um empresário; um aposentado e um especialista. A entrevista teve como questões norteadoras: 1) O que é trabalho para você? 2) O que faz você pensar que trabalho é isso? 3) Por que você trabalha? 4) Para quê você trabalha?

Resultados

Como resultado, percebeu-se na fala dos entrevistados a grande influência da ética protestante, segundo WEBER (1981), no imaginário relativo ao Trabalho.

Os ideais do protestantismo, tais como alcançar a dádiva divina através do esforço, penitência e livre arbítrio podem ser observado nas seguintes falas:

“[...] tudo o que vem não é à toa, Deus não dá nada de graça. [...]” (I.S., 69 anos, aposentada).

“[...] é preciso se esforçar muito prá conseguir um emprego [...] prá sobreviver, prá ser independente, porque nada se consegue de graça, né, a gente tem que lutar [...]” (G.S.C., 15 anos, adolescente).

“[...] Porque quem não trabalha não tem nada. [...] Quando a gente fica sem fazê nada, só pensa em coisa ruim. [...]” (E.A.B., 23 anos, operária fabril).

Nota-se que a idéia de sacrifício e recompensa permeia o discurso do adolescente, do operário e do aposentado, o que demonstra a reprodução da ideologia entre as gerações e dá um indicativo da abrangência desse pensamento em nossa sociedade. Na fala da operária, destaca-se a idéia de relação entre trabalho e saúde, desocupação e doença.

A idéia do trabalho como elemento disciplinador da sociedade fica implícita nas seguintes falas, em que se pode notar a preocupação com o futuro e com a destinação social dos frutos do trabalho:

“[...] O trabalho atende as necessidades sociais. [...] é minha forma de contribuir com o equilíbrio e avanço social. Se trabalharmos com seriedade [...] teremos oportunidades de nos realizar [...]” (N.N.J., 34 anos, professor universitário).

“[...] (trabalho) é uma coisa necessária na vida da gente, sem ele a gente não consegue nada. [...] Me faz me sentir digno e honesto. [...] Trabalho porque preciso, é pro meu próprio bem e pro bem da minha família. [...]” (A.C., 54 anos, técnico contábil).

“O trabalho prá mim significa a dignificação do homem. É o retorno, recompensa, de algo que você fez. [...] a cada desafio vencido, há uma satisfação pessoal e indescritível de dever cumprido. [...] quanto mais trabalho, mais satisfação tenho em ser útil, para mim e para os outros. [...]” (J.S.M., 59 anos, empresário).

“[...] o trabalho é a realização dos meus objetivos pessoais e profissionais, e é através do trabalho que se alcança os ideais [...]” (L.A.B., 33 anos, especialista em química).

“[...] O trabalho atende as necessidades sociais. Um exemplo disso são os transtornos ocasionados pelas greves nos diversos setores públicos: professores, médicos, policiais, etc... estes trabalhadores atendem ao que a sociedade convencionou chamar de serviços básicos. No entanto, quando os bancários fazem paralisações também causam enorme transtorno, os portuários, da mesma forma. Assim, fica evidente que o trabalho é uma necessidade social. [...]” (N.N.J., 34 anos, professor universitário).

Nas falas acima, a idéia do trabalho como aquilo que dá utilidade e valor à pessoa relaciona-se à produção de um sentimento de dignidade e honestidade. Interessante notar que

essa idéia aparece mais claramente nos discursos dos entrevistados com maior nível de escolaridade e que cumprem funções mais especializadas em seus trabalhos. O trabalho aparece aqui como um disciplinador das relações, e, em complemento à idéia de que a falta do trabalho é prejudicial à saúde do indivíduo, segue a idéia de que aqueles que não cumprem seu trabalho prejudicam a ordem da sociedade.

Discussão

Segundo CARMO (1992), o Catolicismo, na Idade Média, criticava o apego demasiado ao trabalho, pois este resultava no esquecimento da veneração a Deus. Nesse contexto o trabalho ainda não era tido como algo nobre, ou como fonte de satisfação, já que era infundável e tedioso. Era valorizado apenas na medida em que contribuía para a resignação cristã e a restauração da pureza da mente. Servia para afastar as pessoas da preguiça. O corpo, origem de todo pecado, deve permanecer ocupado para afastar-se das tentações diabólicas. O trabalho era reservado a servos e escravos.

Porém, esses ideais foram sendo modificados de uma forma lenta e progressiva com o desenvolvimento do trabalho livre. Na transição da Idade Média para o Renascimento começam a despontar a admiração pelo trabalho e valor deste. Com a Reforma Protestante ocorrida no século XVI lentamente os ensinamentos religiosos começavam a dar um novo sentido ao sofrimento proveniente do trabalho, transformando em conformismo, e motivo de orgulho e sacrifício. Houve assim uma certa reavaliação da concepção cristã, ao se legitimar o princípio da obtenção do lucro. Nesse contexto, o trabalho passou a ser um meio de salvação, uma oportunidade oferecida pela “graça divina” de redenção pela penitência, e, se antes o trabalho afastava o homem de Deus, agora passa a ser a condição para obter a proximidade de Deus (CARMO, 1992).

Para WEBER (1981) parecia haver uma relação entre o protestantismo e a ascensão da economia capitalista, cuja base está na pré-destinação de alguns para o êxito na atividade profissional. Há uma ênfase de que a fé deve ser reforçada pelo trabalho. Esse tipo de conduta resultaria num enriquecimento, o qual não sofreria a condenação de Deus, pois a riqueza não é mais condenável como outrora. Essa crença não existia no antigo catolicismo, cujos representantes estimulavam o lado contemplativo no rigor de uma vida em que os esforços se limitavam a obter o necessário para a sobrevivência, mas foi introduzida por Lutero no movimento reformista, que combatia a ociosidade cultivada pelos monges católicos como manifestação egoística por nada acrescentar em benefício da sociedade. E, ao pensamento de

Lutero, juntou-se o determinismo de Calvino, que pregava a predeterminação do destino de todas as pessoas, o que justificava a diferença entre ricos e pobres.

Para o Protestantismo o tempo não deve ser desperdiçado, condenando ainda o desfrute dos bens, a ociosidade e as tentações da carne. Querer ser pobre era querer ser indolente, um desafio à Glória de Deus. Isso porque os eleitos de Deus não teriam outra forma de saberem que são eleitos senão trabalhando e acumulando riquezas. O sucesso profissional e o enriquecimento passaram a ser graça divina para os escolhidos. Dessa forma a acumulação de capital passa a ser um fim em si mesma e, sobretudo, um dever do indivíduo. Sendo assim, o “espírito do capitalismo moderno” envolve uma filosofia de avareza, que apela para o ideal do homem ativo e poupador, para quem a riqueza é um dever até mesmo social, pois contribui indiretamente para a ordem da sociedade e o vigor moral da nação (WEBER, 1981).

A idéia protestante incorporada à moral capitalista de que a graça de Deus alcança aos que trabalham honestamente, levam uma vida regrada e, principalmente, não utiliza seus bens para os prazeres mundanos - antes poupa-os. Assim, aqueles que são produtivos e contribuem para o bem estar social são os homens de bem e podem se dar muito bem na vida. Desempregados e atidores de lutas de classes já não são vistos com bons olhos, pois se recusam a trabalhar, e, se o trabalho dignifica o homem, não importa em que se trabalhe, contanto que trabalhe e que leve uma vida sempre produtiva (WEBER, 1981).

Embora os entrevistados apresentem grande diferença de idade e de condição de trabalho, todos partilham do mesmo ideal de esforço através do trabalho relacionado à necessidade de atender um apelo moral e religioso em que o bom indivíduo é aquele que busca através do trabalho a expurgação da condição humana de desamparo e miséria. Nota-se que a auto-cobrança permeia o imaginário dessas pessoas de forma que não se concebe uma pessoa digna que não trabalhe, não importando inclusive o patrimônio que a pessoa possua.

Conclusão

No contexto da construção da sociedade capitalista (em que se operaram reformas econômicas, políticas, científicas e sociais), a moral religiosa pregada pelo catolicismo medieval, seguido das transformações resultantes das reformas protestantes, produziu um pensamento ideológico que permeia o modo de produção do capitalismo ocidental, o qual é assimilado com naturalidade pelas novas gerações que surgem nesse sistema e que mantêm, atualmente, essa dinâmica do capitalismo industrial. Os valores tidos como naturais, portanto, vão se reproduzindo porque as pessoas se reconstróem a partir desse discurso. E, em nossa

sociedade, essa reprodução ideológica é o que tenta justificar a desigualdade na distribuição econômica e conter o sistema de movimentos revolucionários que a modifiquem.

Referências

CARMO, P.S. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna, 1992.

NETTO, A.G.M. et al. (Coord). **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1981